

## APRESENTAÇÃO

Cosme Damião da Silva

O interesse dos trabalhos dos professores Hugo Mari e Maria Auxiliadora da Fonseca Leal reside, entre outros, no fato de que ambos nos chamam a atenção para o problema da mudança lingüística. Nesse sentido, os dois têm um objetivo comum.

Comecemos pelo trabalho do professor Hugo.

Sem querer entrar em pormenores, que poderiam privar o leitor de detalhes que o texto revela, gostaríamos de mostrar três aspectos que o artigo suscitou em nós.

Em primeiro lugar, o esquema genérico e suas combinações possíveis bem como seus efeitos de transformação diferenciados:

$Se/So; (+original) \rightarrow CAUSA \rightarrow Se/So; (\pm original, +novo)$

Esse esquema, por si bastante esclarecedor, nos dá ainda ocasião de estabelecer um confronto com a perspectiva de M. Pécheux, ao falar de efeito metafórico:

“Chamaremos de efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse deslizamento de sentido entre x e y;” (“Análise automática do discurso”, p.96, in *Por uma análise automática do discurso*. F. Gadet e T. Hak (orgs.). Campinas: UNICAMP, 1990).

Um segundo aspecto está relacionado com o seguinte passo:

“na impossibilidade de se dar à noção de causalidade uma dimensão mecânica, justificada no interior do próprio sistema, buscou-se a partir de uma avaliação de marcas do produto (So), criar uma tipologia de causas, o que acabou por gerar uma preocupação classificatória para elas, sem muita consistência na explicação dos fatos; daí causas

Essa passagem, conforme se vê, nos dá margem a pensar que o uso ou não da preposição não é indiferente. E se, em determinada época, a preposição era obrigatória, é porque haveria uma diferença semântica entre **dever** e **dever de**?

Se não se trata de “variantes livres”, do ponto de vista sincrônico, pelo menos, do ponto de vista diacrônico, parece que essa variação implica um modo de ver o verbo **dever** diferentemente de uma época para outra.

Um segundo aspecto nosso surge a partir de considerações a respeito do verbo **começar**.

**Começar** sofreria uma diferenciação semântica, caso esteja usado com ou sem preposição?

**Começar a fazer / começar fazer?**

O fato de se considerar o verbo **começar** como auxiliar ou como não auxiliar acarretaria uma mudança semântica significativa?

Uma terceira indagação que o texto nos suscita, à margem e/ou a propósito:

Por que determinadas construções desaparecem? Seria por mero “desgaste”? Por mero uso?

No português antigo, por exemplo, podemos nos deparar com construções como:

. João costumava **de** passear no bosque.

. Maria ousava **de** sair sozinha à noite.

Será somente porque os costumes e o grau de ousadia eram diferentes?

Na verdade, nada, ao que parece, impede que construções desse tipo voltem a ser usadas algum dia.

Se hoje se diz **cismar de**, **evitar de**, pode ser que venhamos, com mais ou menos dias, usar **costumar de**, **ousar de**...

Quem sabe então, teremos oportunidade de entender melhor a causa dessa mudança (retorno) lingüística?

sociais, políticas, econômicas, históricas e linguísticas, num processo sem muito critério para esse recorte pretendido.”

Essa passagem do texto do Hugo nos remete, por sua vez, ao tratar da busca de uma causa para a mudança semântica, nos remete, repetimos, à perspectiva de Coseriu:

“a mudança linguística tem, efetivamente, uma causa eficiente, que é a liberdade linguística, e uma razão universal, que é a finalidade expressiva (e comunicativa) dos falantes” ( p. 175/176, in *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença, 1979).

O problema maior da mudança linguística, conforme nos mostra Hugo Mari, resulta de como conciliar o SER (da linguagem) com o seu DEVIR.

Poderíamos dizer que o SER da linguagem consiste (é, está) no seu DEVIR?

É o que nos propõe Coseriu, quando afirma, por exemplo:

“A língua se faz mediante a mudança, e morre como tal quando deixa de mudar.” ( Idem, *ibidem*, p. 237).

Como fizemos a propósito do texto de Hugo Mari, também gostaríamos de mostrar três aspectos suscitados em nós pelo artigo de Maria Auxiliadora.

Em primeiro lugar, consideramos a seguinte passagem sobre o verbo dever:

“A presença da preposição parece fortalecer o sentido de ‘obrigação’ ou ‘precisão de resultado’. Já a sua ausência suaviza a obrigatoriedade do fato, indicando ‘probabilidade’.”